

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Minas

Class.: _____

Data: 18.05.84

Pg.: _____

Viva Juruna

Anatólio Alves de Assis*

Se o brasileiro de um modo geral é um tipo extrovertido, alegre e convivente, o carioca o é muito mais, sendo infinitamente gozador, brincando muitas vezes com as coisas mais sérias. E foi sob a égide da gozação que os eleitores do Rio de Janeiro levaram o cacique Mário Juruna até a Câmara Federal, cientes estavam, que seria essa a melhor forma de protesto contra a situação vigente, mormente no que dizia respeito ao desemprego e à recessão econômica.

Realmente, nos primeiros tempos, Juruna não passou, em Brasília, de um personagem eminentemente folclórico, imensamente satirizado por determinado programa de televisão. Tudo culminando com a maneira pouco cortês e respeitosa com que dirigiu críticas aos Ministros de Estado, quase perdendo seu mandato, em consequência.

Entretanto, durante todo esse tempo, o cacique-deputado não perdeu de vista o seu objetivo maior: a valorização e o respeito ao índio, como de resto a qualquer ser humano que vive em nosso País. E de etapa em etapa foi ele cavando uma trincheira de combate em torno da Fu-

nai, até então um amorfo órgão que tinha por missão e dever cuidar dos interesses e da assistência às nossas comunidades indígenas.

Em razão de sua norma de ação, os diversos grupamentos e tribos desses silvícolas foram se conscientizando de sua importância, de seus direitos impostergáveis e, principalmente, que a Funai não cumpria seu dever, sendo, pelo contrário, segundo eles - um grande "cabide de emprego". Justamente porque os índios, pouco a pouco, vão perdendo suas terras, sua liberdade e sua cultura.

Felizmente, a pregação de Juruna, que, como Cristo, "corria de Herodes para Pilatos", deu resultado. Deu resultado, porque os índios reconheceram que acima de seus direitos nem o Estado-olímpico, imponente e soberano - pode situar-se.

Desse raciocínio resultou a revolta dos TUXURAMÁES, que, apelando para o sequestro de funcionários da Funai e impedindo o tráfego de uma estrada federal, chamaram a atenção de todo o Brasil para justiça de sua causa e a pureza de seus ideais. E, juntamente com Mário Ju-

runa e por ele liderados, estiveram em Brasília, rebeldes pelo Ministro do Interior Mário Andreazza, assinalando esplêndida vitória com a deposição do presidente da Fundação Nacional do Índio.

Através da televisão, todo o Brasil tem podido constatar a tremenda atividade do cacique-deputado. Que somente tem um objetivo na vida, que é proporcionar à sua gente um melhor status de vida e a preservação de suas Reservas, direito inalienável que lhes assiste, de vez que eles estão aqui na terra desde os tempos mais remotos, muitos milênios antes dos portugueses e demais povos que formam hoje "raça brasileira".

O mais interessante é que Mário Juruna não se perde no exame de assuntos que não entende, motivo por que tem sido tão objetivo e exato. Tão exato que os seus muitos eleitores do Rio de Janeiro estão, por essas alturas, sentindo que "atiraram no que viram e acertaram no que não viram", conforme nos ensina aquele chavão popular.

Hoje, sua vitória não ficou só nisso, justamente porque um indígena - creio que o cacique Megaron

foi nomeado chefe do Posto do Rio Xingu, ao passo que um outro, Marcos Terena, foi elevado ao cargo de chefe de gabinete do presidente da Funai.

O certo é que, de agora e diante, o índio brasileiro começa ser olhado sob outro prisma. Prisma de que ele é um cidadão com certos direitos. Direitos que não lhe podem ser tirados por grileiros e posseiros. E por ninguém mais.

O exemplo de Mário Juruna bem que poderia ser seguido pelo cantante Agnaldo Timóteo, que, levado ao Congresso por mais de meio milhão de votos, perdeu-se em banais amenidades e generalidades, esquecendo-se que tinha uma alta e meritória missão a cumprir. Que, para cumprir, poderia ser uma eficiente ajuda aos seus irmãos de cor, visto que, passado quase um século de promulgação da Lei Áurea, em sua maioria continuam eles escravos dos preconceitos, da pobreza, do analfabetismo, da ignorância, da falta de qualificação profissional e da ausência de espaço na sociedade brasileira.

* Historiador, Membro do IHGMMG.